



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Mistério de beija-flor

A amizade entre Madalena Rodrigues e Tancredo Maia Filho surgiu a partir do mistério de um beija-flor. Tancredo é natural do Acre, cresceu inebriado com as cores e o canto dos pássaros da Amazônia. Quando se mudou para Brasília, transferiu a paixão para as aves do Cerrado. Ele é um dos criadores, e um dos integrantes mais ativos, do grupo Observaves, que fotografa as do nosso território.

Certo dia, ele estava no Parque Olhos d'Água, na 413/414 Norte, e flagrou um ninho de beija-flores. Naquele instante, Madalena passou pelo lugar e foi convidada a ver o que acontecia. Ela ficou profundamente comovida com a delicadeza do nascimento de um beija-flor. Madalena é jornalista com formação em literatura. Tancredo, arquiteto. Desse improvável encontro, surgiu a amizade e a parceria de um belo livro, *Nasce um beija-flor*, com texto de Madalena e fotos de Tancredo.

O beija-flor é um pequeno milagre da natureza. Ele muda de cor, dorme em pé nas árvores ou de cabeça para baixo como morcegos, se desloca em voos elétricos, bate as asas até 80 vezes por segundo

e tem formato de bico adequado para polinizar cada planta específica. E é tudo isso que o texto de Madalena e as imagens de Tancredo tentam captar.

Madalena conduz a narrativa do ponto de vista de uma câmera, que acelera, desacelera, recorta ou enfatiza. Acompanha os beija-flores desde o momento em que estão imersos no sono, mergulhados na quietação, acumulando energia para a atividade frenética de todos os dias.

A missão de polinizar exige que se alimentem com uma grande quantidade de néctar. Eles o consomem a cada 15 ou 20 minutos. Mas necessitam também de proteínas, que constituem 10% da dieta. Durante a faina cotidiana, enfrentam muitos perigos e brigam bravamente

para defender o espaço floral ou aéreo. As aranhas, os pássaros maiores e até os gafanhotos são ameaças que sempre exigem prontidão.

Os namoros dos beija-flores ganham destaque. São seres galantes, sedutores e excessivos no cortejo da desejada. Quando avistam uma fêmea atraente, fazem acrobacias impressionantes e exibem cores iridescentes, nos mostra Madalena. "Imaginamos seu coração acelerado, pulsando quase mil vezes por minuto".

Depois da conquista, a preparação do ninho é uma verdadeira obra de arquitetura minimalista, construída com pedacinhos de gravetos, folhas, lascas de raízes, fibras de algodão, paina, casulo de insetos e líquens. Não faltam fios

roubados de teias de aranha. Vemos os beija-flores lavar-se na chuva ou nas pequenas poças, suspensas no ar, depois das chuvas. Ou hipnotizados pela beleza da flor do mulungu.

Nasce um beija-flor é um livro constituído por uma série de crônicas. É, a um só tempo, lírico e científico. Enleva e instrui: "Beija-flores e lobélias guardam um segredo: a curvatura do bico da ave se encaixa com perfeição na das corolas."

A obra de Madalena e de Tancredo tem a agilidade, o encanto e a leveza de um voo de beija-flor. Mas não é só celebração. Alerta para a necessidade urgente de proteger as matas, os rios e as aves. Os beija-flores nos mandam sinais sobre as ameaças que nos assolam.

DENGUE / Com sintomas da doença, pacientes lotam UPAs em busca de tratamento. O atendimento é demorado e pode chegar a 10 horas, como foi o caso do aposentado Francisco Vieira, em Ceilândia. Os idosos são os mais afetados

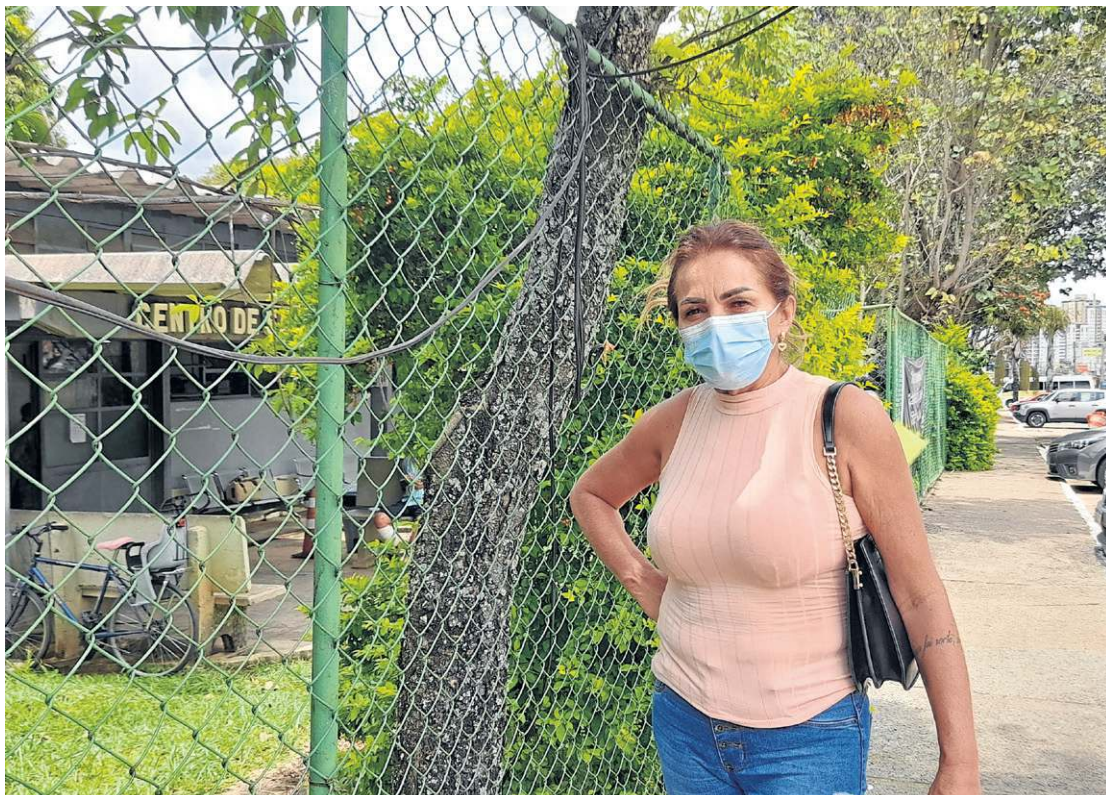
Sobrecarga no atendimento

» LETÍCIA MOUHAMAD

Quem busca centros de saúde públicos no Distrito Federal para confirmar se está com dengue e iniciar o tratamento é submetido a longos períodos de espera — às vezes horas —, enquanto suporta fortes dores e mal-estar. O *Correio* esteve, ontem, em algumas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e verificou que pacientes e seus acompanhantes vivem situações de extremo desconforto e aflição. Em várias ocasiões, acabam resultando em reações de frustração e revolta. A Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Vicente Pires, por exemplo, está sem previsão sobre quando poderá receber quem a procura. Além disso, sua ala de internação encontra-se lotada. Com o surto da doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* até quem precisa de assistência para outros problemas de saúde tem de enfrentar a evidente sobrecarga dessas estruturas e, segundo alguns reclamam, o descaço de seus profissionais.

O aposentado Francisco Vieira, 68 anos, que precisava tomar soro e medicação para as dores atribuídas à doença do inseto, não recebeu as substâncias e nem data de quando poderia retornar para obtê-las. "Fiquei

Letícia Mouhamad/CB/D.A.Press



Cícera Maria reclama: "Recebi soro e medicação sentada em uma cadeira de recepção"

quase 10 horas, na UPA do Setor O (Ceilândia), sem resposta, e me recomendaram vir para cá (Vicente Pires). Pelo andar da carruagem, aqui será da mesma forma", lamentou.

Ele comentou que, enquanto esperava por alguma ajuda nessa segunda UPA,

presenciou uma mulher bater na mesa da recepção fazendo muito baralho e exigindo atendimento. Segundo Vieira, ela teria se irritado por, supostamente, estar naquele estabelecimento, com muitas dores, e sem que algum dos servidores oferecesse socorro.

Dificuldades

A reportagem do *Correio* verificou que, nessa na unidade, o auxílio dado às pessoas que conseguiram ser recebidas era feito em salas com ocupação superior ao limite para o que foram projetadas. "Falta espaço. Disseram que a ala de

internação suporta apenas 14 lugares, mas há 35 pessoas internadas", contou a empresária Talia Rodrigues, 22. Ela acompanhava a avó, bastante debilitada e que aguardava por atendimento. A idosa, de 87 anos, havia sofrido duas quedas por conta da fraqueza provocada pela dengue. Também não conseguia se alimentar e nem se locomover. "Ela está muito mal e, mesmo assim, ainda vai esperar duas horas para tomar soro", contou a neta.

Na Unidade Básica de Saúde (UBS) nº 5, em Taguatinga, a situação estava um pouco mais amena, com menos pacientes esperando atendimento. No entanto, a angústia dos familiares que os haviam levado era semelhante à dos parentes de doentes em outros lugares. A manicure Sueli Figueiredo, 47, por exemplo, disse que conseguiu atendimento para a mãe, de 83, somente na quarta vez que a levou ao mesmo posto. "Ela precisou chegar sem conseguir andar para ser atendida. Nas outras vezes, não deram suporte algum", protestou.

A cabeleireira Cícera Maria, 60, também levou um familiar à UBS 5. Queria evitar que sua filha, de 35, tivesse um atendimento contra a dengue como a que recebeu em outro posto. "Eu também fui infectada na última semana e fiquei três dias internada na UPA de Vicente Pires, pois a doença atacou meu fígado. Não gostei. Durante todo o tempo, recebi soro e

medicação sentada em uma cadeira, como as da recepção", disse.

Morte

Na última segunda-feira (12), Cíntia Maria Dourados Mendes, 42, morreu após contrair dengue. De acordo com sua família, ela foi à UPA de Brazlândia e recebeu a orientação de retornar para casa com a explicação de que os sintomas eram normais. Segundo o Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (IgesDF), responsável pela administração da UPA, a mulher teve piora, retornou à unidade de saúde onde, após desmaios, faleceu.

Família denunciaram à Polícia Civil que Cíntia sofreu uma queda da cadeira de rodas conduzida por um enfermeiro, e que isso teria provocado nela uma crise convulsiva dentro da unidade. O corpo dela foi encaminhado ao Instituto de Medicina Legal (IML) para investigação da causa da morte. O caso é tratado pelos investigadores como homicídio culposo — quando não há a intenção de matar. Eles não descartam também que o falecimento tenha ocorrido devido à doença.

Ao *Correio*, o IgesDF afirmou que lamenta o falecimento da paciente e expressa solidariedade à família e que acompanhará a investigação.

Fumacê a todo vapor para uma volta segura às escolas

» CAIO RAMOS*

O Governo do Distrito Federal (GDF) está empenhado em minimizar os riscos de contaminação com dengue para os estudantes que retomam às aulas, nas 827 as escolas da rede pública, segunda-feira que vem. Uma ação coordenada pelas secretarias de Saúde e de Educação dedetizará, com fumacê, todos esses estabelecimentos até o final de março. Até agora, a medida foi realizada em 90 deles, em Ceilândia e São Sebastião, cerca de 10% do total. Mas, outras regiões administrativas também estão recebendo a aplicação do inseticida.

Ontem, o *Correio* acompanhou essa operação no Centro Educacional 7, de Ceilândia (CED 7), frequentado por 2,5 mil jovens, parte dos 472 mil alunos das escolas públicas da capital federal. A diretora Adriana Rabelo disse que, além do fumacê, "iremos fazer uma campanha com cartazes informando como enfrentar a doença, seguindo as orientações da Secretaria de Saúde. E os professores de ciências e biologia também darão explicações aos estudantes e funcionários sobre como se protegerem".

O administrador de Ceilândia, Dilson Resende, esteve no CED 7 verificando a aplicação do inseticida — feita em níveis

sem riscos à saúde humana. Ele lamentou a epidemia que atinge a região administrativa. "Nós estamos vivendo um momento difícil em Ceilândia, que concentra o maior foco de dengue no DF. Mas, com as práticas que as diretoras de nossas escolas estão adotando — higienizando e limpando com todos os cuidados que a dengue exige — teremos um bom ambiente para os estudantes. E o fumacê vem dar um toque final nessa segurança", declarou.

Diego Normandia representante de empresa Real JG, contratada para aplicar o fumacê, comentou que todas as salas, móveis e áreas da escola estavam sendo lavadas e

higienizadas com álcool e outros produtos de limpeza. "Nas canaletas e calhas, estamos jogando hipoclorito e água sanitária, para evitar surgimentos de focos do mosquito da dengue. Também estamos cortando o mato. O ano letivo começará perfeitamente", garantiu.

As ações do GDF atendem a uma determinação do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios para proteger os estudantes. Desde o início do ano, 67.897 pessoas estão registradas como casos suspeitos de dengue, doença que matou 25 pessoas no DF.

*Estagiário sob supervisão de Manuel Martínez

Ed Alves/CB/DA.Press



Fumacê está sendo aplicado até em áreas internas das escolas

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 16 de fevereiro de 2024

» Campo da Esperança

Campo da Esperança
Benedicta Dutra, 84 anos
Celso Cardoso dos Santos, 46 anos
Domingos Lettieri, 93 anos
Edna Aparecida de Oliveira, 58 anos
José Rodrigues Lemos Filho, 56 anos
Maria Cecília Ferreira Serra, 86 anos
Maria de Lourdes Batista

Ramalho, 71 anos
Milton Marques de Oliveira, 60 anos
Rosângela Alves Feitosa, 62 anos
Shirley Maria Aparecida Bergamini Rosa, 81 anos
Sidonal do Espírito Santo Ferreira, 68 anos

» Taguatinga

Cleudimar da Silva Silvério, 48 anos
Elaine da Silva Pereira, 29 anos

Francisca das Chagas Silva, 79 anos
Francisca Lacerda Moreira, 87 anos
Helena de Jesus Santos, menos de 1 ano
Joaquim Correia Leite, 77 anos
José Aparecido Francisco da Silva, 46 anos
José Luiz Ribeiro dos Santos, 60 anos
Maria de Nazaré Portela, 73 anos
Maria José de Sousa, 79 anos

Matheus Moreira Leite, menos de 1 ano
Maurício Magnun Ferreira Machado, 63 anos
Mizael Martins de Souza, 60 anos
Nilacir da Silva Arce, 61 anos
Pedro Moreira Leite, menos de 1 ano
Renato Fonseca Farias, 53 anos
Sofia Antonelli de Souza, menos de 1 ano

» Gama

Atahir Canuto dos Santos, 87 anos
Miguel Pereira Alvim, 65 anos
Raimundo Nonato de Lima, 67 anos

» Planaltina

Alex Oliveira Ramos, 31 anos
Gilson Eustáquio dos Santos, 51 anos

» Brazlândia

Simony Divina Leal, 42 anos

» Sobradinho

Antônio Carlos da Silva Purezza, 74 anos
Carlos Alberto Barbosa Bezerra, 66 anos
Francisciano Rodrigues de Souza, 39 anos

» Jardim Metropolitan — Cremação

Sônia Maria de Araújo, 96 anos
Joana D'arc Ribeiro, 53 anos
José Américo Barbosa, 82 anos